

## A PÓS-VERDADE: as potências da alma a favor da retórica

### POST-TRUTH: the powers of the soul in favor of rhetoric

Milena Bender Holdefer<sup>1</sup>  
Marguit Carmem Goldmayer<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta uma discussão acerca da pós-verdade, de como ela surgiu e quais as suas consequências na sociedade. Além disso, apresentar-se-á o recurso das potências da alma, que, se bem desenvolvidas, podem auxiliar na construção da retórica. Mais que isso, as potências antes referidas - denominadas: a inteligência, a vontade e a sensibilidade - são os fundamentos que tornam o ser humano íntegro. Sendo assim, somente a partir da estimulação dessas potências é que o indivíduo pode se formar integralmente. Como meio para essas questões, sugerir-se-á a contemplação das Artes do Belo, pois elas podem potencializar a argumentação, a fim de que ela propenda para o bom, o verdadeiro e o belo.

**Palavras-chave:** Inteligência. Vontade. Sensibilidade. Retórica.

**Abstract:** This work presents a discussion about the post-truth, how it emerged, and what its consequences are in society. In addition, the use of the powers of the soul will be presented, which, if well developed, can assist in the construction of rhetoric. More than that, the powers mentioned above - called intelligence, will, and sensitivity - are the foundations that make human beings righteous. Therefore, it is only through the stimulation of these powers that the individual can be fully formed. As a means to these questions, the contemplation of the Arts of the Beautiful will be suggested, as they can enhance argumentation, so that it may turn to the good, the true and the beautiful.

**Keywords:** Intelligence. Will. Sensitivity. Rhetoric.

**Zusammenfassung:** Diese Arbeit stellt eine Diskussion über die postfaktischen Zeiten dar, wie sie entstanden ist und welche Auswirkungen sie auf die Gesellschaft hat. Außerdem werden die Mitteln der Seelenkräfte vorgestellt, um zu zeigen, wie sie beim Aufbau rhetorischen Mitteln nützlich sein können. Und mehr noch: Die erwähnten Kräfte - Intelligenz, Wille und Sensibilität - sind die Grundlagen, die den ehrenhaften Menschen gestalten. Deshalb kann sich der Mensch nur durch die Entfaltung dieser Kräfte ehrenhaftig gestalten. Um das zu erreichen wird die Betrachtung der Ästhetik des Schönen vorgeschlagen denn sie kann die Argumentation optimieren, damit sie zum Guten, zum Wahrhaften und zum Schönen neigt.

**Schlüsselwörter:** Intelligenz; Wille; Sensibilität; Rhetorik.

<sup>1</sup> Milena Bender Holdefer, estudante de Letras - Português/Alemão no Instituto Ivoti. E-mail: [milena.holdefer@institutoivoti.com.br](mailto:milena.holdefer@institutoivoti.com.br)

<sup>2</sup> Marguit Goldmayer, docente do Instituto Ivoti, Mestre em Educação e Doutora em Teologia. E-mail: [marguit.goldmeyer@institutoivoti.com.br](mailto:marguit.goldmeyer@institutoivoti.com.br)

## 1 O PRINCÍPIO

A pós-verdade, que tem por princípio ser “menos importante checar/verificar se algo aconteceu do que simplesmente acreditar que aconteceu (já que isso vai ao encontro da própria opinião ou perspectiva)” (BRASIL, 2017), é um fenômeno atual que permeia todas as relações humanas. No contexto da educação, aqui compreendida como a “influência que eleva as almas”, como afirmou Franca (2019, p.21), acontece o mesmo. Leonel Franca afirma ainda na mesma página que “Todos nós, de uma ou outra forma, somos e seremos educadores”, uma vez que a função social do homem “é levar aos nossos semelhantes a possibilidade de se realizarem integralmente” (FRANCA, 2019, p.23).

Nesse sentido, este estudo tem como objetivo analisar os fundamentos de argumentações que relativizam situações e como isso se dá no contexto da educação, bem como relacionar esse fenômeno com o potencial da alma humana. A pesquisa será feita em virtude da recorrência do fato anteriormente citado nas aulas da disciplina de Laboratório de Língua Portuguesa, precisamente na atividade de Letramento Argumentativo.

Neste artigo, considera-se o princípio de que as potências da alma ajudem na arte da retórica, uma vez que têm como pressuposto a inclinação do homem para o bem. Ademais, procurar-se-á compreender o que é a pós-verdade, como e de onde ela surge, pois é esse o termo designado ao evento de relativizar e, mais que isso, manipular informações e situações.

Decerto uma das grandes questões que permeia a dificuldade de reconhecer verdades está no princípio da vida humana e é que “[...] Nem mesmo se sabe ao que se deve dar preferência, se à

educação da inteligência ou à do coração[...]” (ARISTÓTELES apud JARAUTA; IMBERNÓN, 2015, p. 17). Portanto, pela falta de ciência de que a inteligência, a vontade e a sensibilidade são potências da alma e devem ser potencializadas de acordo com virtudes, perde-se um norte educacional: se é necessário escolher entre inteligência e coração, não é possível que haja uma educação integral e menos ainda que ela comece já na infância.

O indivíduo deve ser formado, e de acordo com Franca (2019, p.16) “formação é quase sinônimo de cultura”, para que possa reconhecer, diferenciar, decidir e nortear-se pelo bem e mal; verdadeiro e falso; bonito e feio. Somente por meio desses elementos, que são o objeto das potências da alma (inteligência, vontade e sensibilidade, respectivamente), o ser humano pode elaborar uma retórica bem fundamentada.

## 2 O FUNDAMENTO

Neste capítulo apresentar-se-ão os termos de forma fundamentada, dando coerência e melhor entendimento ao leitor daquilo que será apresentado como metodologia e conclusão.

### 2.1 A pós-verdade

O fenômeno surgido no mesmo período em que surge o pós-modernismo é definido no artigo “A verdade levará à pós-democracia?” pelas palavras da Universidade de Oxford (apud MESQUITA, 2018, p. 33) como “um substantivo que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais”

Ainda sobre o surgimento dessa nova forma de ver o mundo, percebe-se que

Uma longa jornada filosófica e cultural foi necessária para que primeiro aposentássemos a noção de sujeito, depois nos apaixonássemos pelo Real, para finalmente chegar ao estado presente no qual a verdade é apenas mais uma participante do jogo, sem privilégios ou prerrogativas (DUNKLER et al., 2017, p. 3).

Consoante Flores (2017, p. 23), “A estratégia de relativizar, distorcer, alterar ou reinterpretar os fatos com vistas a defender interesses pessoais é o que se convencionou chamar de pós-verdade, fake news, hoax ou – em bom português – embuste”. Ademais, o mesmo autor ainda é audaz em afirmar que “a pós-verdade se espraia com tanta prolificidade (ainda que negativa) na sociedade” (FLORES, 2017, p. 31).

A partir dos autores mencionados até então, é notório que há um problema nessa forma de lidar com as ocorrências, pois os fatos já não têm relevância, são antes um empecilho para convencer os demais de sua própria opinião. Concomitante a isso, a sociedade torna-se vulnerável por não distinguir o que é real daquilo que é falso. Os indivíduos, por sua vez, criam verdades próprias que podem ou não condizer com aquilo que é bom, verdadeiro e belo.

O maior perigo, no entanto, está no fato de que “O jogo é velho como a humanidade. É de engano e de mentira que se trata. A novidade está, como em tudo o mais nos dias que correm, no que os computadores e a rede mundial permitem fazer com isso” (MESQUITA, 2018, p. 33). Os resultados dessa manipulação são conhecidos há tempo e sobre isso reflete Mesquita (2018, p. 37), ao falar que o problema está no fato de poder acontecer que

[...] a mentira deixe de ser uma questão moral e se transforme numa questão de sobrevivência, expediente do qual guardam uma memória atávica os povos que viveram sob escravidão ou sob regimes de terror.

E pode-se levar esse medo – seja da execução física, seja da execução moral ou econômica – a tais extremos que até evidências materiais ou biológicas “deixem de existir”

Outro fato relevante é citado pelo autor: “Pequenos pacotinhos de código multiplicáveis e aceleráveis ao infinito podem operar essas falsificações e semeá-las em escala global precisamente dentro de cada ouvido que já se tenha declarado alguma vez disposto a aceitá-las e viralizá-las” (MESQUITA, 2018, p. 37). Isso mostra que há um problema de identificação e mesmo de vontade do que está acontecendo por parte da humanidade em relação àquilo que é bom.

Outra teoria é pautada na “sentença nietzschiana de que “não há fatos, apenas interpretações” é transmutada no fenômeno da pós-verdade [...] com base em um tipo específico de inferência: as inferências falseadoras”, como afirma Flores (2017, p. 24).

Dessa forma, é compreensível que muitas pessoas deixem-se influenciar e relativizem toda e qualquer forma de verdade, pois foram ensinadas a criar verdades próprias embasadas em opiniões e não em reflexões e fatos. O resultado, portanto, é a escravidão de informações falsas divulgadas em todos os lugares por não saber refletir e não ter parâmetros.

## 2.2 As potências da alma

Diferentes teorias tratam da alma, de sua definição, de suas potências e de sua função. Aristóteles, sabiamente, classifica os seres a partir de suas três diferenças primordiais:

os seres existentes no universo são de três categorias: inanimados, animados desprovidos de razão e animados com razão – o homem. Os seres animados, diversamente dos seres inorgânicos, possuem

inteiramente o princípio da atividade que lhes dá a vida, a saber, a alma, forma do corpo (ARISTÓTELES apud PICHLER, 2018, p. 4).

O fato, portanto incontestável, é que existe tal diferença e semelhança entre os seres citados de tal forma que é possível sugerir uma hierarquia entre eles: humanos > animais > plantas. Os humanos estão no maior posto possível, pois têm uma alma, o que os torna, além de vivos (como as plantas e os animais) e sensitivos (como os animais), inteligentes e únicos, como explica Pichler (2018, p. 6)

A função irracional da alma comporta as funções vegetativa e sensitiva; a alma “dotada de razão” é a função racional da alma. Esta pressupõe no homem também as funções vegetativa e sensitiva, sendo superior às mesmas. As plantas possuem somente função vegetativa; os animais, a vegetativa e a sensitiva; os homens, a vegetativa, sensitiva e a racional. E o que caracteriza a função racional da alma ou intelecto é o pensamento, a capacidade intelectiva.

Apesar disso, há algumas divergências teológicas em relação ao tema da alma humana, uma vez que em alguns locais são apontadas três diferentes esferas que englobam o ser humano: o corpo, a alma e o espírito. Sobre isso, afirma Aquino (apud COELHO, 2016) à luz das palavras de Paulo que:

À ocasião dessas palavras [corpo, alma e espírito], alguns disseram que no homem uma coisa é o espírito e outra a alma, colocando no homem duas almas, uma que anima [dá vida], outra que raciocina. Tal visão foi reprovada pelas sentenças eclesiásticas. Deve-se saber que as duas coisas [alma e espírito] não se diferenciam segundo a essência, mas segundo a potência. Na nossa alma estão certas forças que são próprias para os atos dos órgãos corpóreos, como é o caso das potências da parte sensitiva. Outras forças não

pertencem aos atos de tais órgãos corpóreos, pois são separadas deles, como é o caso das potências da parte intelectiva. A essas últimas chamamos de espírito, que são como que imateriais e separadas de certo modo do corpo, na medida em que não pertencem aos atos do corpo, e que podem ser chamadas também de mente [mens]: “renovar-vos pela transformação espiritual da vossa mente” (Ef 4, 23). Quanto às primeiras, as que animam [o corpo], chama-se alma, pois tal é próprio a ela.

Sem embargo, considerar-se-á aqui a alma também como espírito, portanto, como aquilo que anima e raciocina, a fim de simplificar as considerações. Para isso, tomar-se-á como definição o que diz Boécio (apud FRANCA, 2019, p. 6) sobre o homem: “Pessoa é substância individual de natureza racional”.

Esclarecido isso, há ainda nomenclaturas diferentes em relação a que se chama de potências da alma. Costa (2009, p. 100), por exemplo, nomeia as potências da seguinte forma

A Razão, a Concupiscência e a Ira são três potências (ou energias) da alma. A Razão discerne o bem do mal – e um bem maior de outro menor, como um mal maior do menor. A Concupiscência deseja o bem que a razão discerne, mas a moléstia da carne e o peso do corpo a entorpecem. Por isso, a Concupiscência necessita da contrapartida da Ira, que se enraivece contra essa moléstia e peso da carne, se irrita com o mal e se previne contra ele. Bernardo afirma que as três virtudes principais – a Fé, a Esperança e a Caridade – se fundamentam nessas três energias da alma [...]

Por outro lado, Franca (2019, p. 8) afirma que as potências superiores da alma são a da “inteligência (cujo objeto é a verdade) e da vontade (cujo objeto é o bem)”, além de deixar claro que “as potências sensitivas integrantes da alma,

as quais têm por objeto algo singular e concreto, subordinam-se metafisicamente à inteligência” (FRANCA, 2019, p. 7). De tal forma, fica claro que a sensibilidade tem por objeto algo belo, uma vez que é aquilo que a impressiona positivamente.

As duas teorias apresentadas relacionam-se diretamente, embora deem nomenclaturas distintas às potências. Isso ocorre da seguinte forma: a sensibilidade relaciona-se com a ira, uma vez que apresentam a dimensão sensitiva do ser humano. A concupiscência está relacionada à vontade, pois ambas buscam, ou ao menos deveriam, a prática referente à verdade que é aquilo que a razão ou inteligência conclui.

De tal forma, chega-se àquilo que deve ser objeto da educação: a alma humana. Somente tendo em vista as três potências a ela correspondentes é que o indivíduo pode ser educado integralmente e uma das formas de fazê-lo é por meio das Artes do Belo que serão fundamentadas na conclusão. A potencialização desses três elementos inclina o homem para aquilo que é Bom e, por isso, enche a alma de algo sublime e transcendente.

### 2.3 A retórica

Esta habilidade perceptível no discurso é definida por Reboul (2004, p. 14) como “a arte de persuadir pelo discurso”. Apesar disso, atualmente “Para o senso comum, retórica é sinônimo de coisa empolada, artificial, enfática, declamatória, falsa” (REBOUL, 2004, p. 13). Sendo assim, compreende-se que há uma lacuna entre a origem da retórica e o entendimento que se tem dela. Essa constatação pode ser também confirmada ao consultar o dicionário Michaelis On-line (2019), no qual duas distintas “1 RET Conjunto de princípios que constituem a arte da eloquência ou do bem-dizer; oratória” e, logo em seguida “4 PEJ

Discussão ou debate sem conteúdo”.

Em relação ao sentido, o mesmo autor expõe duas posições distintas tomadas por teóricos:

Uma delas, de Charles Perelman e L. Olbrechts-Tyteca, vê a retórica como arte de argumentar [...]. A outra, de Morier, G. Genette, J. Cohen e do “Grupo MU”, considera a retórica como estudo do estilo [...]. Para os primeiros, a retórica visa a convencer; para os últimos, constitui aquilo que torna literário um texto. (REBOUL, 2004, p. 13)

Portanto, além da diferença de compreensão daquilo que é o termo, há ainda uma divergência quanto àquilo que é a sua função.

Nesse sentido, prender-se-á este artigo ao termo quanto à sua função e natureza tradicionais, já que a tradição “[...] pelo menos tem a vantagem de nos oferecer elementos estáveis, independentes das preferências individuais e dos modismos” (REBOUL, 2004, p. 14). A partir dessa citação é possível diagnosticar que, realmente, atualmente a população, consciente ou inconscientemente, argumenta e enxerga o mundo de acordo com suas próprias verdades.

Alinhado àquilo que foi proposto anteriormente no subcapítulo referente às potências da alma, Reboul (2004, p. 17) afirma que “em retórica razão e sentimentos são inseparáveis”. Esse aspecto confirma de alguma forma o pressuposto de que as potências da alma (por serem racionais, afetivas e ativas) ajudam na elaboração da retórica.

Quanto à afetividade envolvida na arte descrita, afirma o autor já citado, há três meios necessários para seu sucesso. O etos, “caráter que o orador deve assumir para chamar atenção e angariar a confiança do auditório” e o patos que atinge “as tendências, os desejos, as emoções do auditório” (REBOUL, 2004, p. 17). Em relação à parte racional, o orador

deve atentar para o logos que “diz respeito à argumentação propriamente dita do discurso” (ARISTÓTELES, cf. 1356 a. apud REBOUL, 2004, p. 49).

Ainda o mesmo escritor, referência única por não haver mais escritos publicados neste sentido, afirma que a retórica por ser dividida em quatro partes: a invenção, “busca que empreende o orador de todos os argumentos e de outros meios de persuasão relativos ao tema de seu discurso”; a disposição, que é “a ordenação desses argumentos”; a elocução, que diz respeito “à redação escrita do discurso, ao estilo”; e a ação que é “a proferição efetiva do discurso” (REBOUL, 2004, p. 43-44).

Por fim, Oliver Reboul (2004, p. 22) ainda destaca como se dá o processo de ensino da retórica: “Ensinar a compor segundo um plano, a encadear os argumentos de modo coerente e eficaz, a cuidar do estilo, a encontrar as construções apropriadas e as figuras exatas, a falar distintamente e com vivacidade.”.

### 3 A RAZÃO

O principal motivo que impulsionou a escrita deste artigo foram as observações das aulas da disciplina de Laboratório de Língua Portuguesa, especialmente das discussões durante as atividades de Letramento Argumentativo. Essa prática, o Letramento, foi frequente, pois foi realizada todas as semanas e a proposta era sempre diferente. Em cada aula, uma dupla de alunos foi responsável por trazer algum texto - literário ou não - que gerasse um debate em torno da ética, da política ou da moral.

Não surpreendente foi o fato de que muitas opiniões - embasadas por argumentação coerente ou não - foram fundamentadas em verdades criadas pelo próprio sujeito e não por verdades vinculadas à realidade palpável. É

exatamente neste aspecto que a educação brasileira, norteadada pela Base Nacional Comum Curricular, pretende atuar: a população, em geral, precisa atentar à realidade para que consiga identificar fatos, mesmo que estes não estejam de acordo com a opinião particular.

A falta de noção quanto àquilo que é real, não necessariamente ideal, foi cognoscível no dia oito de agosto, quando uma dupla de alunos trouxe como proposta de discussão o texto “A infanticida Marie Farrar” de Bertolt Brecht. Segue um trecho do texto:

Maria Farrar, nascida em abril, sem sinais particulares menor de idade, órfã, raquítica, ao que parece matou um menino da maneira que se segue. Sentindo-se sem culpa afirma que, grávida de 2 meses, no porão de uma dona tentou abortar com duas injeções dolorosas, diz ela, mas sem resultado. [...] pariu como pôde quase ao amanhecer. Narra que a esta altura estava transtornadíssima, e meio endurecida, e que o garoto o segurava a custo, pois que nevava dentro da latrina. Entre o quarto e a privada o menino prorrompeu em prantos, e isso a perturbou de tal maneira, ela disse, que se pôs a socá-lo às cegas, tanto, sem cessar, até que ele deixasse de chorar. Depois conservou o morto no leito junto dela até o fim da noite. [...] (BRECHT apud FERNANDES, 2008, p. 71).

Logo após a leitura oral do texto, a pergunta que deveria nortear a discussão foi: Marie Farrar tomou a decisão correta? Exceto uma aluna, os demais pronunciaram-se dizendo que a atitude foi correta em virtude das circunstâncias na qual a protagonista estivera inserida. Naturalmente, nesta situação o evento da

pós-verdade está confirmada.

A constatação é simples, pois é evidente que a atitude não foi correta. Matar uma criança, acabar com uma vida, apesar das circunstâncias em que se está inserido, nunca será algo correto. Claramente não se pode julgar a personagem, pois estava em uma situação complicada e ninguém tem o direito de fazê-lo, mas a realidade demonstra aquilo que sabe todo o ser humano quando observa a realidade com objetividade: matar não é correto.

Na aula seguinte, em contrapartida, a dupla da aluna que posicionou-se contra a atitude de Marie, trouxe uma reportagem de um fato ocorrido alguns dias anteriores à aula:

**Com cachimbo de crack na mão, mãe tenta matar duas vezes seu bebê de apenas três meses**

Ela resistiu em soltar a criança e, segundo a testemunha, disse que mataria o filho e se mataria logo em seguida

Uma mulher foi presa na madrugada desta quarta-feira (4), por tentar matar duas vezes seu filho, de apenas três meses, asfixiado. A tentativa de homicídio iniciou em uma residência no bairro Floresta, em Dois irmãos, por volta das 2h30. A polícia foi acionada quando uma testemunha, que é dona da casa de onde a mãe da criança vivia de favor, chegou e flagou a mulher com um cachimbo de crack na mão e o peito pressionando a cabeça da criança, na tentativa de matá-lo. Ela resistiu em soltar a criança e, segundo a testemunha, ela disse que mataria o filho e se mataria logo em seguida. Sentindo-se contrariada, a mulher ainda quebrou diversos objetos da casa. Quando a guarnição chegou no endereço, a avó e a filha com o bebê já haviam procurado atendimento no Postão 24 Horas. Ela foi presa em flagrante dentro do Postão. No local, tentou novamente tirar a vida da criança e mordeu a cabeça do bebê. Relato de uma testemunha indicou que a acusada havia ido para

Estância Velha com o bebê, onde teria consumido droga e, quando chegou em casa, bastante alterada, passou a quebrar objetos e tentou asfixiar o bebê. O flagrante foi registrado na Delegacia de Pronto Atendimento de Novo Hamburgo, onde a acusada permanece presa. O bebê foi atendido e, posteriormente, liberado e, através de medida protetiva, está com um familiar. (COM CACHIMBO..., 2019).

Após a leitura, a pergunta foi: A mãe tomou a atitude correta? O que diferencia essa situação daquela relatada no texto de Brecht? Neste momento, alguns alunos deram-se conta do nível de fantasia que a discussão da aula anterior tivera. Outros, não obstante, procuraram justificar as diferenças e mesmo defender a atitude - não a mulher - tomada, pois ela também estava em situação complicada.

Nesta aula, a professora orientadora deste trabalho também interveio, confirmando que a vida é o princípio básico de cada ser humano e que defendê-la é uma boa causa

à qual devemos estar atentos. Mais que isso, disse que também erra e por vezes passa a relativizar coisas que não são relativas e que o faz por ser hoje algo muito frequente na sociedade (o que podemos chamar de pós-verdade).

O exemplo citado ilustra muito bem os fenômenos descritos no subcapítulo 2.1. Uma pessoa que consegue instalar-se na realidade assim como ela é admite facilmente que a atitude não foi correta. Também é válido ressaltar que, por um lado, a atitude claramente não foi correta em nenhuma das situações, por outro, ambas as protagonistas estavam em situações não favoráveis à maternidade e não cabe a ninguém julgá-las. Defender os indivíduos, as mães e as crianças, é correto, mas defender as atitudes em questão não é correto.

#### 4 O FIM

As considerações feitas conduzem o trabalho a uma verdade: a frequência da pós-verdade nas relações humanas atuais é grande, tanto que as pessoas não a percebem mais. Ademais, foi notório também a que leva esse fenômeno: guerras, enganações, manipulações. Naturalmente, outro problema é a falta de instalação na realidade, uma vez que o indivíduo passa a acreditar que tudo aquilo que ele próprio inventa é uma verdade incontestável por fatos. Disse Machado de Assis (2018, p. 32) que “[...] é melhor, muito melhor, contentar-se com a realidade; se ela não é brilhante como os sonhos, tem pelo menos a vantagem de existir”.

A realidade, contudo, como já ressaltado, não é clara o bastante por si só, pois a humanidade está habituada a enxergar aquilo que quer, da forma que quer, mesmo que seja fantasioso. A essa afirmação também aludiu a autora Isabel Alarcão (2003, p. 13), quando disse que “Vivemos hoje numa sociedade complexa, repleta de sinais contraditórios, inundada por canais e torrentes de informação numa oferta de “sirva-se quem precisar e do que precisar” e “faça de mim o uso que entender””.

Além disso, a mesma autora ressalta que os alunos, para que estejam preparados para lidar com essa realidade, devem ter “capacidade de discernir entre a informação válida e inválida, correcta ou incorrecta, pertinente ou supérflua” (ALARCÃO, 2003, p. 12). Ainda é preciso levar em consideração o fato de que toda essa informação é de “difícil discernimento para aqueles que, por razões várias, não desenvolveram grande espírito crítico, competência que inclui o hábito de se questionar perante o que lhe é oferecido”.

A pergunta, no entanto, é: como fazer com que as pessoas distingam o que é ou não é bom, verdadeiro e belo?

Consoante a mesma autora, além dos “conhecimentos (saber o que fazer e como)”, há também outras competências necessárias, dentre as quais estão os “contactos (capacidades sociais, redes de contactos, influência)” e os “valores (vontade de agir, acreditar, empenhar-se, aceitar responsabilidades[...])”. Esses três pontos são, de alguma forma, participativos naquilo a que se chama “potências de alma”.

Os conhecimentos são representantes da inteligência, os contatos relacionam-se com a sensibilidade e os valores com a vontade. Nesse sentido, de acordo com Samia Marsili (2019), em sua aula sobre obediência, os pais são o reflexo da verdade, do bem e da beleza. Parafraseando, pode-se dizer que os professores, que passam mais tempo com os indivíduos do que os próprios pais, são também reflexo desses três pontos. Portanto, a responsabilidade também compete aos docentes.

Consoante Marsili (2019), as potências da sensibilidade e da inteligência são bastante fáceis de serem estimuladas, a vontade, pelo contrário, comumente é deixada de lado. Indivíduos passam a vida inteira em uma boa escola e apreciam boas obras de arte. Sem embargo, a vontade, podendo também ser chamada de fortaleza, é uma virtude pouco apreciada e pouco ensinada, uma vez que se aprende que “se me faz feliz, eu faço”.

De que forma esperar que indivíduos baseados em sua própria felicidade momentânea tenham uma formação integral? A vontade deve ser educada para que o ser humano saiba renunciar-se a si mesmo quando necessário, mesmo que isso lhe custe, pelo simples fato de que ele visa ao bem (e o Bem inclui todo o contexto, portanto, todas as pessoas às quais uma atitude atinge). Espera-se que ele direcione a sua

vontade para o bem, mas isso jamais é ensinado. De que adiantam atitudes, se não forem pautadas por aquilo que é bom? De que adiantam falas extensas, citações magníficas e boa expressão corporal, quando a finalidade, ainda que inconsciente, é o mal?

A fim de educar seres humanos integralmente, como já relatado, é preciso que as três potências da alma sejam desenvolvidas concomitantemente. Um dos meios possíveis para que isso se torne realidade é o das Artes do Belo. Carlos Nougé afirma em seu primeiro episódio sobre as Artes do Belo (2018) que “o mundo moderno perdeu a noção mais precisa do que é o belo”. Ademais, ele ainda ressalta que o Belo é um fundamento sobre o qual se ergue a alma e a inteligência humana.

Além disso, Nougé ainda ressalta que nem toda arte que é bela pode ser considerada uma Arte do Belo. A joalheria, por exemplo, é uma arte e é bela, mas não é uma Arte do Belo. Para o mesmo pesquisador, três pontos são necessários para que algo seja belo: integridade, harmonia e clareza. A definição para Artes do Belo (2018), no entanto, é que “são as artes que fazem formas mimético-significativas e belas para que o homem propenda para o verdadeiro e ao bom e se afaste do falso e do mal”.

Conclui-se assim que uma aposta válida para a formação integral do indivíduo sejam as Artes do Belo que conduzem o homem a exatamente aquilo que se espera: bom, verdadeiro e belo. Essas artes são divididas em segmentos como a literatura, o teatro, a dança, a música, a escultura, etc. Na música, por exemplo, Johann Sebastian Bach compõe de acordo com aquilo que se considera uma Arte do Belo; na escultura, Michelangelo é um bom exemplo.

As Artes do Belo (2018), como já mencionado, proporcionam o aprimoramento das potências da alma.

Esse fato reflete na retórica, pois o indivíduo, além da beleza do texto que explana, preocupa-se a partir de então também com a veracidade e com a bondade daquilo que propõe.

Consequentemente, a pós-verdade é eliminada do contexto, pois, com certeza, não propende àquilo que é da natureza das artes aqui abordadas.

Apesar do fim, há ainda muito o que pesquisar e descobrir sobre o tema que provavelmente jamais se esgotará. A discussão acerca das Artes do Belo e como elas se fazem imprescindíveis na educação, principalmente por potencializarem a inteligência, a vontade e a beleza, não acaba aqui. Recomenda-se, finalmente, o estudo e aplicação dos temas aqui abordados, pois “quem se contenta com palavras, só pode colher ventos” (CORTOUIS, 2018, p. 13).

## REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003.

AS ARTES do Belo: introdução. Direção Viviane Princival; argumento: Carlos Nougé. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=51bceaf-tkc>. Acesso em: 10 ago. 2019.

ASSIS, Machado de. **A mão e a luva**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**: Educação é a Base. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf). Acesso em: 01 nov. 2019.

COELHO, Renato Arnellas. Para uma correta compreensão do homem, composto de corpo, alma e espírito. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 10, n. 17, p. 84-93, jan./jun. 2016. DOI: <https://doi.org/10.23925/2177->

[952X.2016v10i17p84-93.](#)

COM CACHIMBO de crack na mão, mãe tenta matar duas vezes seu bebê de apenas três meses. **POA24horas**, 04 set. 2019. Disponível em: <https://www.poa24horas.com.br/com-cachimbo-de-crack-na-mao-mae-tenta-matar-duas-vez-es-seu-bebe-de-apenas-tres-meses/>. Acesso em 05 set. 2019.

COSTA, Ricardo da. A transcendência acima da imanência: a alma mística de São Bernardo de Claraval. *In*: SEMINÁRIO DE HISTORIA DE LA FILOSOFÍA, 26., 2009, Madrid. **Anales...** Madrid: Universidad Complutense, 2009. p. 97-105. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=361133109005>. Acesso em: 10 nov. 2019.

COURTOIS, Gaston. **Escola de chefes**. São Caetano do Sul, SP: Edições Bom Ladrão, Editora Santa Cruz, 2018.

DUNKLER, Christian *et al.* **Ética e pós verdade**. São Paulo: Editora Dublinense, 2017.

FERNANDES, Millôr. **O homem do princípio ao fim**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

FLORES, Pablo J. Inferências falseadoras como base para a pós-verdade. **Revista Línguas&Letras**, v. 18, n. 41, p. 20-32, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/1981-4755.20170023>.

FRANCA, Leonel. **A formação da personalidade**. Porto Alegre: Edições Hugo de São Vítor, 2019.

JARAUTA, Beatriz; IMBERNON, Francisco. **Pensando no futuro da educação: uma nova escola para o Século XXII**. Porto Alegre: Editora Penso, 2015.

MARSILI, Samia. **Aulão de obediência**. Disponível em: <https://www.hotmart.com/product/aulao-obediencia>. Acesso em: 24 nov. 2019.

MESQUITA, Fernão Lara. A verdade levará à pós-democracia? **Revista USP**, n. 116, p. 31-38, jan./mar. 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i116p31-38>.

MICHAELIS. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=Qw4zY>. Acesso em: 11 nov. 2019.

PICHLER, Nadir A. **A natureza da alma intelectual em Tomás de Aquino**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018.

REBOUL, Oliver. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Recebido em: 17/03/2020

Aceito em: 02/05/2020